

Relembrando os diálogos com Vicente Ferreira da Silva



Sr.: "O artigo sob o título 'Exercitando letras e idéias', de Gilberto de Mello Kujawski (que recebi em recorte), trata da necessidade de se preservarem na memória os diálogos com e em torno de Vicente Ferreira da Silva, nos anos 50 até a sua morte em 63. Concordo com tal necessidade, já que em tais diálogos se articulava toda uma situação particular em vias de esquecimento. Eis a razão por que pretendo acrescentar as minhas próprias vivências dos diálogos à vivência relatada por Mello Kujawski no seu artigo.

Os participantes dos diálogos eram todos da geração que se formou nos anos 30, a qual está atualmente envelhecendo. Tal geração é portadora de herança pesada. As múltiplas tendências dos anos 30 que nos nutriam sofreram a catástrofe da Segunda Guerra, dos campos de extermínio e da bomba de Hiroshima. Os modelos dos anos 30 que informaram a nossa mente, os nossos valores, e as nossas experiências não mais se adequavam à situação pós-Segunda Guerra, na qual nos sentíamos chamados a agir e refletir. Estávamos desorientados, (coisa que Mello Kujawski chama, no meu caso particular, de 'instabilidade' no seu artigo). A nossa confusão mental, valorativa e existencial era reforçada pelas contradições entre os modelos por nós herdados. O desafio dos anos 50 era o de orientarmo-nos na nossa herança dos anos 30, para depois modificá-la e aplicá-la aos anos 50. Daí a violência dos diálogos dos quais falo.

Embora os anos 30 nos tenham deixado herança contraditória, parecia-nos, nos anos 50, que três tendências mais ou menos distintas podem ser nela separadas. Chamarei a primeira, muito inadequadamente, a 'anglo-saxônica', a segunda a 'crítica', e a ter-

Rilke, Buber). E toda esta formação conflitual estava impregnada de cultura judia. Pois a vivência concreta do nazismo e seus correlatos (vulgaridade, estupidez, brutalidade assassina) ameaçava em mim infectar a minha herança 'fenomenológica' toda, a qual não podia deixar de responsabilizar em parte pelo nazismo. Mas não queria perder esta parte da minha herança, não queria permitir aos nazistas que me roubassem meu Heidegger, meu Richard Strauss, e, retrospectivamente, meus Schopenhauer e Nietzsche, depois de me terem roubado tantas outras coisas. O meu problema naquele momento era o de me assumir íntegro, a despeito do e com despeito ao nazismo.

Pois isso explica o choque que sofri ao encontrar Vicente. O que nele encontrei foi toda esta tendência 'fenomenológica' triplamente filtrada e depurada. Filtrada e depurada, em primeiro nível, de toda essa sujeira sangrenta que a tinha cercado em Praga. Filtrada e depurada, em segundo nível, daquela 'alemanidade' a um tempo acadêmica e sentimental, da qual tal tendência tinha, em grande parte, surgido. E filtrada e depurada, em terceiro nível, do seu contexto histórico-geográfico da Europa dos anos 30. Encontrei em Vicente, em suma, 'meu' Nietzsche, 'meu' Heidegger, 'meu' Rilke, em sua beleza toda, porque extirpados do seu contexto concreto. Encontrei o pensamento e o sentimento 'puros'.

Mas simultaneamente sabia que 'algo estava desafinado' (da stimmte etwas nicht), para recorrer à terminologia heideggeriana. É possível, mas não é 'permitido' filosofar-se 'puramente', no vazio, por mais inebriantes que sejam os edifícios mentais que se estava construindo, e por mais belos que sejam os conceitos elaborados. Deve-se assumir a responsabilidade pelos possíveis efeitos que tais reflexões terão sobre a situação concreta. E eu conhecia tais efeitos de experiência penosa. Passei a combater Vicente em 'polêmicas' que merecem ser chamadas 'agonias'.

E aí surgiu uma situação nova e preciosa, interrompida brutalmente pelo acidente mortal que afastou Vicente. Ambos passamos a nos alterarmos mutuamente. Para mencionar apenas dois dos fatores 'alterantes': eu comecei a absorver a carga latino-tropical que impregnava todo o ser e o pensamento de Vicente, sem que ele o tivesse sempre admitido. E ele permitiu, com graves dificuldades, que minha carga judia (da qual ele tinha tido previamente apenas noções de terceira mão e caricatas) penetrasse a carapuça do seu 'neopaganismo'. Admito que tal luta corpo a corpo tinha aspectos às vezes de suma comicidade: por exemplo, ele defendia a 'germanidade' do seu pensamento, mas quem era alemão era eu, e eu defendia o rigor lógico do argumento, mas quem era lógico era ele. Mas, malgrado tal comicidade, os nossos últimos encontros se davam em espaço que não posso chamar senão 'religioso'.

A distância de mais de 20 anos e de mais de 10.000 km permite enquadrar o meu

artigo). A nossa confusão mental, valorativa e existencial era reforçada pelas contradições entre os modelos por nós herdados. O desafio dos anos 50 era o de orientarmo-nos na nossa herança dos anos 30, para depois modificá-la e aplicá-la aos anos 50. Daí a violência dos diálogos dos quais falo.

Embora os anos 30 nos tenham deixado herança contraditória, parecia-nos, nos anos 50, que três tendências mais ou menos distintas podem ser nela separadas. Chamarei a primeira, muito inadequadamente, a 'anglo-saxônica', a segunda a 'crítica', e a terceira a 'fenomenológica'. Fenômenos da primeira tendência seriam o simbolismo lógico, (neopositivista ou não), a epistemologia formal, Bauhaus, a música dodecafônica, e, em política, a tecnocracia incipiente. Fenômenos da segunda tendência seriam a crítica cultural, (marxista ou não), a epistemologia dialética, surrealismo e Dada, a música 'engajada', e, em política, a nova esquerda incipiente. Fenômenos da terceira tendência seriam a fenomenologia, ('existencial' ou não), a epistemologia 'ontológica', a arte neo-romântica, e, em política, os fascistoide ou desengajamento.

As primeiras duas tendências tinham emergido da catástrofe profundamente modificadas, mas pareciam salvas. A terceira parecia, nos anos 50, vencida.

Eu sou judeu de cultura alemã, e tinha, nos anos 50, apenas ressurgido do inferno, a tarefa de agir e de refletir em circunstância inteiramente nova, a paulista. Para orientar-me, precisava de diálogos com meus futuros parceiros. Três tipos de 'círculos', (o termo é de Mello Kujawski), se ofereciam: os informados pelas três tendências acima referidas. Mas, em São Paulo tais tendências tinham sofrido mutação, não apenas por razões históricas, (estávamos com 20 anos de atraso), mas também por razões geográficas, (estávamos em situação, em vias de transformação violenta). De modo que os 'círculos formais' me frustravam por me parecerem de academismo estéril, os 'círculos críticos' me causaram tédio, por repetirem argumentos repisados e inadequados a situação concreta, e os 'círculos do terceiro tipo', (os quais em São Paulo tendiam para um misticismo mágico para mim inaceitável), me pareciam repulsivos. Foi quando esbarrei contra Vicente Ferreira da Silva.

Para explicar tal encontro, devo dizer algumas palavras quanto ao meu próprio problema existencial, tal como o vivenciei naquele momento. Fui formado por Praga, tanto no sentido da tendência 'formal' (Jakobson, escola lingüística de Praga), quanto no sentido da tendência 'crítica' (socialismo austro-checo, passado pelo crivo dos processos de Moscou), quanto no sentido da tendência 'fenomenológica' (Husserl, Kafka,

diálogo com Vicente (e os demais diálogos com e em torno de Vicente), no seu contexto. Éramos os dois (e todos os demais), daquela geração cuja mocidade se passou sob a influência do primeiro pós-guerra, e cuja maturidade exigia ação e reflexão no segundo pós-guerra. As duas situações eram incongruentes. E mais incongruentes ainda em São Paulo. O nosso desafio era o de repensarmos os nossos modelos todos. Vicente assumia principalmente os modelos aparentemente vencidos pelo cataclisma recente. Mas modelos jamais são eliminados: são reprimidos para ressurgirem sob nova forma. Daí o clima 'oracular' mencionado por Mello Kujawski. Olhávamos o futuro distante. E agora sabemos, os que sobrevivemos, que nem sempre vimos errado. A nossa geração vai morrer em futuro não tão distante. Concordo com Mello Kujawski: as nossas 'agonias' dos anos 50 não devem ser esquecidas. Embora talvez não tenham sido 'modelares', eram suficientemente dramáticas para serem rememoradas. Vilém Flussér, Robion, França.

